



VELHICE E A SOLITUDE DO DESEJO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Waleska Ferreira Xavier ¹

Emanuella Oliveira Diniz Lins ²

Karynna Magalhães Barros da Nóbrega ³

RESUMO

O envelhecimento é um acontecimento inevitável. No entanto, como envelhecer serenamente numa cultura que valoriza a juventude? Como envelhecer sem negar a velhice em tempos de culto ao corpo jovem? O discurso capitalista concebe a velhice como um não lugar de produtividade, a ressonância desse discurso muitas vezes promove um desinvestimento no corpo envelhecido e no sujeito. Em virtude do desinvestimento do Outro social há o abandono, a solidão e o adoecimento como uma forma patológica de vivenciar a velhice. Como continuar investindo na vida quando há a suspensão do tempo futuro? Tomando como ponto de partida esses questionamentos e nos servindo da orientação psicanalítica, nesse trabalho pretendemos refletir e problematizar como a velhice pode ser um tempo de investir na vida, desejar e realizar projetos. Apesar da velhice ser um tempo de vivência de perdas é um momento de elaboração e investimento em formas possíveis de satisfação. Dessa forma, o presente trabalho trata-se de um relato de experiência de estágio realizado no Centro Municipal de Convivência do Idoso – CMCI, da cidade de Campina Grande – Paraíba, realizado durante o período de dezembro de 2021 à abril de 2022; no qual percebemos, por meio do acolhimento e escuta aos sujeitos velhos, a presença de conflitos e desejos, em cada um à sua maneira. Dessa forma, observamos que, enquanto há vida, há desejo. Sendo assim, constata-se, como afirma a literatura, que o desejo não tem idade.

Palavras-chave: Envelhecimento, Psicanálise, Solidão, Desejo.

INTRODUÇÃO

Morrer: Que me importa? O diabo é deixar de viver. Mário Quintana

Atualmente tem sido notório como o discurso em torno da velhice como momento de perdas, decrepitude, inutilidade tem ganhado mais ênfase, no entanto nem sempre foi assim. Beauvoir (1990) e Barreto (1992), mencionam que, antes do século XVIII, a velhice era considerada insignificante e, por vezes, motivo de escárnio; no século XIX passou a ser tida como sábia; no século XX, surge uma valorização do aspecto social do jovem, a indústria da

¹Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, waleska.ferreiraa@gmail.com;

²Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, eolidl@hotmail.com;

³ Professora orientadora: Doutora, professora adjunta III do curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, karynna.magalhaes@professor.ufcg.edu.br.

beleza acentua o culto a juventude e nega a velhice; é mais fácil e aceitável vender a aparência e negar o interior, pois a velhice é associada a mudanças corporais, os cabelos brancos ficam mais evidentes, as rugas passam a demarcar a passagem do tempo, a elasticidade e lateralidade começam a perder velocidade, postura encurvada, redução da capacidade auditiva e visual, aspectos visíveis, o que contribui para a associação entre velhice e feiura. Vemos, assim, que na cultura contemporânea, o envelhecimento se transforma em um novo mercado de consumo, no qual não há lugar para a velhice.

Partindo de uma compreensão psicanalítica, se faz necessário uma distinção quanto ao que é, respectivamente, velhice e envelhecimento. Em primeiro lugar, conforme Mucida (2004) o envelhecimento é um processo contínuo no qual o ser humano está sujeito desde o dia em que nasce, neste caminho, é que se instaura a velhice. “Relendo a definição oferecida pelo discurso médico sob ótica analítica, podemos afirmar que o envelhecimento não cessa de se inscrever para todo ser vivente, um percurso dentro do tempo no qual todos passam do nascimento à morte” (p. 22). Em outras palavras, envelhecimento caracteriza o processo de desgaste da energia vital ao longo do tempo, em consequência da passagem do tempo; pode ser entendido também como o processo cronológico pelo qual um indivíduo se torna mais velho. Em segundo lugar, ainda conforme a autora, a velhice, parte integrante neste processo, é marcada pelas perdas, de ordens diversas, que vão de encontro ao sujeito e, neste caso, ela está ligada, intrinsecamente, a laços que se perdem com o Outro.

O processo de envelhecimento tem como um dos seus aspectos mais evidentes as mudanças corporais ao longo de toda a vida. Sendo assim, ao pensar na velhice, faz-se necessário aproximar do corpo velho para que se possa compreender melhor essa etapa da vida. A esse respeito, Mucida (2004) afirma que na velhice o real da castração se impõe de forma irrevogável, uma vez que as perdas, não somente as relacionadas à imagem corporal, remetem o sujeito à fase do espelho, mas um espelho quebrado, pois, se na infância esta fase remete a uma imagem totalizante, na velhice o idoso se depara com um corpo fragmentado, despedaçado, corpo para a morte. O sujeito envelhece de forma peculiar e singular, levando em consideração a imagem que o Outro lhe devolve. As imagens devolvidas pelo Outro são tão diversificadas quanto as inúmeras possibilidades de se envelhecer. A velhice impõe, pois, o luto dos objetos perdidos e a criação de novas vestimentas para o desejo a partir dos traços marcados por cada sujeito. (MUCIDA, 2006).

Todos esses acontecimentos contribuem para um desinvestimento libidinal. O velho é desinvestido socialmente e se veste com o figurino da inutilidade. Ao deparar-se com o corpo fragmentado, nega o processo de luto e enfraquece seu eu ideal, definido por Freud (1914/2003,



p. 91) como aquilo que o sujeito imagina que o eu “deveria ser”. Se o eu não é mais o seu próprio ideal, sentimentos negativos emergem na vivência da feiura de ser velho: as rugas, as olheiras, a pele flácida, os cabelos brancos.

Os espelhos são evitados e o sujeito é desinvestido. Nesse viés, não há outra forma de encarar a velhice se não pelo caminho da rejeição (MUCIDA, 2004, 2009). De acordo com Mucida (2004), ser idoso atualmente é deparar-se com as mais diversas formas de desamparo, uma vez que a lógica predominante é a do mercado. É comum vermos a valorização da juventude, a beleza e aquilo que é inovador, não havendo espaço para o que é velho e este, muitas vezes, tem, apenas, como alternativa apostar naquilo que não se globaliza – aquilo que o constitui como sujeito.

Portanto, em conformidade com Goldfarb (1998), o envelhecimento é um caminho a ser percorrido em constante construção de algo novo no presente, um trabalho que leva tempo, o tempo das experiências vividas, da apreensão das realidades compartilhadas e que resulta em uma nova subjetividade, a de “ser velho”. Assim, o presente estudo, partindo de uma experiência de estágio, objetiva elucidar como a velhice apesar de ser um tempo marcado pelas perdas e questões impostas pelo biopsicossocial, é também um momento de investir na vida, em formas possíveis de satisfação, na qual é possível o sujeito velho assumir-se enquanto autônomo e ativo de seus próprios desejos.,

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de um relato de experiência, de caráter descritivo, advindo do Estágio Supervisionado Básico I, disciplina obrigatória do curso de Psicologia, fornecida pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Os estágios básicos são entendidos como uma maneira de mostrar e preparar o aluno para a prática do seu curso, visando elencar, segundo os temas trabalhados, os desafios e o cotidiano dos profissionais daquela área.

O referido estágio ocorreu no período de dezembro de 2021 a abril de 2022 e desenvolveu-se no Centro Municipal de Convivência do Idoso (CMCI), em Campina Grande, PB, localizado no bairro dos Cuités. As atividades realizadas consistiram em intervenções psicossociais e acompanhamento dos idosos, seja em atividade grupal ou em alguma escuta individual quando solicitada, contabilizando um total de 5h diária.

O CMCI é um serviço público integrado à Secretaria Municipal de Assistência Social (Semas), que oferece atenção na modalidade não-asilar, prevista na Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1996), funciona de segunda à sexta-feira no período da manhã e abrange um



contingente de em média 50 idosos por dia, dentre eles homens e mulheres na faixa dos 45 aos 95 anos. O espaço dispõe de uma equipe multidisciplinar composta por: gestora do serviço (assistente social de formação), assistente social, secretária, pedagogas, psicólogo, técnica em enfermagem, fisioterapeutas e educadora física, além dos profissionais de apoio que atuam nos serviços gerais e vigilância. As atividades realizadas objetivam a promoção da saúde voltada para o bem estar e autonomia, bem como também é ofertado atendimento especializado individuais com os profissionais disponíveis.

Para nortear nossas discussões, embasamos o nosso trabalho nas compreensões e conceitos da psicanálise, uma vez que a psicanálise traz uma visão diferenciada sobre o lugar do idoso, compreendendo-o, através de uma visão psíquica, como um sujeito do desejo, afetado física e socialmente pelo envelhecimento, mas psiquicamente em outra ordem elaborativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nossas visitas ao CMCI nos aproximam do caso de L., que no auge de seus 85 anos, não se sente velha, mas todos já lhe atribuíram a velhice ao se depararem com o que veem ao olhar para ela: do ponto de vista orgânico, a idade e o corpo velho; do ponto de vista psíquico, as vivências de alguém que chegou aos 85 anos. L., tem consciência de que o real do corpo que envelhece não é compatível com o que se sente com o passar do tempo. Sob essa situação, retomamos a atemporalidade do inconsciente, apontando que o sujeito não envelhece, ou seja, não faz sentido atribuir a ideia de envelhecimento ao eu do sujeito, mas apenas a seu corpo, o que tampouco acontece de forma única e padronizada, uma vez que experienciamos distintas situações ao longo de nossa vida e elas dizem sobre esse corpo que envelhece.

Podemos ilustrar tal afirmação novamente com a senhora L. que, vislumbrando e narrando as histórias por trás das inúmeras fotografias expostas nas paredes do salão principal do CMCI, tem a consciência de que o real do corpo que envelhece não é compatível com o que se sente com o suceder do tempo. Vemos, assim, que é sempre no olhar do outro que o velho se vê. Isso diz de uma forma de reconhecer o outro pelo espelho, identificar quem é o outro pelas marcas que o tempo produz e escreve em seu corpo. Nesse sentido, a velhice possui representações muito peculiares quando vista pelo olhar do outro. O sujeito não se percebe envelhecendo, embora seja atravessado por um corpo biológico, que imprime algumas marcas ao longo do tempo, diferindo assim do corpo simbólico, no qual se resguarda os desejos e as memórias (MUCIDA, 2006). Há, portanto, processos biológicos e subjetivos envolvidos, os quais provocam diversas modificações nesse corpo que muda é que é visto e nomeado pelo



outro; há também uma diferença no modo como cada sujeito atravessa as fases da vida e, especialmente, o processo de envelhecimento.

Em outras palavras, a vivência real se contrapõe à literatura e aos discursos contemporâneos, principalmente, de médicos e especialistas, nos quais há uma tentativa de reduzir o sujeito na sua singularidade há um padrão. Essa tentativa de universalizar o envelhecimento acaba sendo falha ao nos depararmos com os processos subjetivos produzidos por cada sujeito a partir do auxílio dos discursos produzidos numa dada sociedade. Viver a contradição do prazer em um corpo que é seu e que não se pode denominar autônomo, causa incertezas. E se outros corpos mostram-se provocando estranheza, mesmo que seguindo regras que não as de costume, sem dúvidas, atravessam os incômodos e os conceitos identitários anteriormente estabelecidos. Nossa sociedade presencia a expansão significativa da categoria “idoso” na população mundial, ao mesmo tempo em que rejeita sua presença. Logo, não é à toa, que tantas vezes o velho introjeta tais sentimentos e assume uma posição de inferioridade no contexto social; papel que muitas vezes não se comprova, dado os vários exemplos de idosos que chegam à longevidade mantendo-se independentes e participantes da vida social. O velho que de alguma forma se destaca é considerado como o que foge à regra. Como exemplo, a senhora S. que surpreende a todos quando diz que conheceu o senhor G., no CMCI e por ali mesmo se casaram, expressando o que há de vida em si.

Desvelam-se, portanto, os modos de vida e as diversas formas encontrada pelo sujeito para ressignificar a velhice. A exemplo, a dança enquanto expressão de um corpo em movimento, em suas singularidades. Em uma de nossas intervenções fizemos o levantamento das demandas, das atividades que os idosos gostariam de realizar e dentre elas a fala que mais apareceu foi “não pode faltar nossas danças”, o que nos faz pensar sobre o papel desempenhado pela dança, enquanto modo de expressar uma existência, há em seu movimento uma vida. Além da dança, o serviço também conta com a banda Cantores da Colina, o coral Colibris da Colina, a quadrilha junina e as danças das fitas, dos arcos, do xaxado, todos compostos pelos idosos que frequentam o local. Enquanto elementos revestidos de significados e de afetos, essas atividades desempenhadas pelos idosos, são importantes vetores de subjetivação, relacionados a uma produção e renovação de si mesmo e de suas vidas.

Destacamos ainda, que viver os setenta, oitenta e noventa anos ou mais com autonomia e independência não é a realidade de todos e a grande quantidade de instituições de cuidados destinadas a essa população corroboram com a afirmação ao encarnarem o papel de “depósito” e de espera pelo fim da vida. Nesse sentido, Mucida (2004) dá destaque à vivência do desamparo por parte dos idosos, já que o contexto capitalista enfatiza a lógica de mercado e o



velho se torna ultrapassado: não há espaço para ele diante do avanço das tecnologias e da valorização da juventude. Neste momento fica clara a questão da normatização das instituições asilares, discutida por Mucida (2006), que leva ao apagamento dos traços particulares e formação de alguns sintomas que buscam escrever o particular, como por exemplo, o silêncio – utilizado por “D.” com o objetivo de manter a proteção de seus desejos. Todos que falam sobre seu “D.” o descrevem como “chato”, “é mudo”, “ninguém o entende”, entretanto, em uma das intervenções seu “D.” se aproxima de nós e fala sobre si, notamos que ele não tem nada daquilo que os outros o descrevem, mas sim um sujeito que guarda para si seus projetos e desejos os quais, fora daquela instituição, procura realizar.

Nas visitas realizadas ao CMCI observou-se de maneira consensual que as histórias contadas realçam um lugar de endereçamento para o outro daquilo que está sendo dito e, mais ainda, tornando-se uma demanda central de reconhecimento e estabelecimento de vínculos. Nessa instituição, a liberdade para a realização estágios é sempre valorizada, partindo inclusive, do desejo da coordenadora, mas percebemos que os estágios e intervenções ali realizados não são suficientes para dar conta de toda a demanda dos idosos que ali frequentam embora haja o desejo de muitos em escrever suas próprias histórias. Durante algumas conversas, ficou clara essa demanda explicitada na fala de uma idosa: “Gosto muito quando vocês vêm aqui, a gente aprende muita coisa” e outra que no momento da despedida afirma: “Não vão embora, a presença de vocês aqui é muito boa, acabam fazendo parte da nossa família também”, ou “foi muito bom ter vocês aqui, falar sobre a gente é importante”. A partir dessas falas observamos a expressão dos desejos particulares de cada um, de ser ouvido na sua singularidade e demonstrar que ainda tem muito a oferecer à sociedade que tenta de todas as formas apagar esse sujeito idoso.

Diante disso, perguntamo-nos o que pode ter de universal na velhice? Nos arriscamos em responder que, somente, o fato de envelhecer, mas, conforme Mucida: Cada um envelhece apenas de seu próprio modo, e não existe uma relação de uma velhice natural, mesmo que exista um corpo que envelhece e uma pessoa que se torna mais idosa. Esse destino pessoal traçado na velhice é completamente singular, e cada um escreverá determinada forma de gozar que lhe é própria. (MUCIDA, 2004). Trazendo para nosso corpus, evidenciamos novamente a senhora L., na qual percebemos que, apesar de estar envelhecida, não quer se adequar aos discursos que buscam interdita-la, informando-a de sua incapacidade. Para provar que há força de vontade e desejo, ela é uma mulher transgressora das regras impostas pelo meio em que convive estando “na ativa” buscando espaços e atividades ditas para os mais “jovens”, contrariando o desejo dos filhos.



Assim, o sujeito da psicanálise é o sujeito do desejo, sujeito marcado pela falta, porém, é por faltar, que o sujeito se move a preencher essa lacuna para sempre aberta na sua vida. Na sua obra, Lacan salienta que essa lacuna é o que possibilita o sujeito posicionar-se na condição de desejante. Sobre isso, Lacan afirma que: “Com efeito, é muito simplesmente - e diremos em que sentido - como desejo do Outro que o desejo do homem ganha forma, porém, antes de mais nada, somente guardando uma opacidade subjetiva, para apresentar nela a necessidade” (LACAN, 1998, p. 828). Quando não há a aposta do Outro, o sujeito desaparece. Por fim, a vivência do estágio nos permite introduzir uma tese, defendida pela Mucida, com a qual concordamos: o desejo em seu sentido psíquico, não se deteriora ou se destrói com a chegada da velhice. Nesse sentido, ela afirma que, para a psicanálise, o sujeito do inconsciente não envelhece, ele continua, por outro lado, tão vivo quanto o dia em que foi constituído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, neste artigo, à luz da psicanálise, discorrer sobre como o sujeito do inconsciente não envelhece, o desejo também não, embora o idoso/sujeito velho tenha que se haver com as dificuldades do corpo e do mundo. Para isso, em um primeiro momento, abordamos sócio historicamente a (des)construção da imagem do velho, ora idealizado como um sábio, no entanto, com as transformações da sociedade a velhice e o envelhecer foram tidos como fadigosos e, em lugar do sábio, estava um tipo de idoso, cujo desejo não podia, e, principalmente, não devia ser mais vivido.

Em um segundo momento, elucidamos como viver a contradição do prazer em um corpo que é seu e que não se pode denominar autônomo, causa incertezas e angústias.

No terceiro momento, manuseamos alguns conceitos psicanalíticos por acreditarmos que a psicanálise se volta para a questão da velhice e do envelhecimento os entendendo não apenas pelo aparato cronológico, mas sobretudo de maneira singular, compreendendo o idoso como um sujeito também desejante.

Por fim, afirmamos de que, em conformidade com os autores supracitados durante nossa pesquisa, no processo de velhice, o sujeito do inconsciente não envelhece, apesar do corpo está perecendo, mas que, na inevitabilidade do mesmo, cada pessoa envelhece de maneira singular e como vimos na literatura, o desejo não tem idade.

REFERÊNCIAS



BARRETO, M. L. **Admirável mundo velho: velhice, fantasia e realidade social.** São Paulo: Ática S. A., 1992.

BEAUVOIR, S. **A velhice.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

Brasil. **Política Nacional do Idoso.** Lei n.º 8.842, de 4 de janeiro de 1994.

FREUD, S. Introducción del Narcisismo. In: Edição Standard Brasileira das **Obras Completas de Sigmund Freud.** v. XIV. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1914/2003, p. 71-98.

Goldfarb, D. C. (1998). **Corpo, tempo e envelhecimento.** São Paulo: Casa do Psicólogo.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In. **O seminário: livro 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MUCIDA, A. **Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUCIDA, A. **O simbólico na constituição do sujeito:** Freud e Lacan. O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MUCIDA, A. **O Sujeito Não Envelhece:** psicanálise e velhice. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 232 p.